

A MEMÓRIA ATRAVÉS DO OLHAR DO *FLÂNEUR*

Claudia Gonçalves Ribeiro (UERJ)
claudiagsampaio@yahoo.com.br

O fascínio pela observação tornou-se tanto em João do Rio quanto em Charles Baudelaire um hábito e uma forma de vida. Através desta experiência em captar “aparições casuais nas ruas” (COLI, 2005, p. 295) e, conseqüentemente, em extrair “impressões misteriosas” (2005, p. 295) de tais situações é possível discutir a construção da memória a partir do olhar do *flâneur*.

Flanar, não só para Antonio Edmilson Martins Rodrigues, mas para o próprio João do Rio nada mais é que perambular com inteligência pelas ruas da cidade numa atitude crítica, pois:

Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha ali à esquina, seguir com os garotos o lutador do Cassino vestido de turco, gozar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas mágicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da saúde, depois de ter ouvido dilettanti de casaca aplaudirem o maior tenor do lírico numa ópera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande tela paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja.

É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. (...). Haveis de encontrá-lo numa bela noite ou numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai. Pensareis decerto estar diante de um sujeito fatal? Coitado! (...). (RIO, 2008, p. 31-32)

O *flâneur* deve apresentar um olhar a fim de encontrar a poesia diante da cidade moderna por meio de uma sensibilidade muito acentuada. Também, deve ser capaz de apreciar e conhecer o enigma que cerca a vida de qualquer indivíduo como exemplificado pelo seguinte trecho extraído de “A rua” em *A alma encantadora das ruas* do autor João do Rio:

O *flâneur* é o bonhomme possuidor de uma alma igualitária e risosna, falando aos notáveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da cólera e da necessidade do perdão.

O *flâneur* é ingênuo quase sempre. Para diante dos rolos, é o eterno ‘convidado do sereno’ de todos os bailes, quer saber a história dos boleitros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga ideia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio. (...)” (RIO, 2008, p. 32)

João do Rio transformava-se em *flâneur* à medida que falava de coisas que as pessoas não gostavam de ouvir sobre a cidade e o mundo, transitando por um espaço de crítica social e revelando o “mundo das sombras” (RODRIGUES, 2000, p. 23), ou seja, colocando em destaque aquilo que a modernização encobria. Para João do Rio, a crônica do banal e do cotidiano representou a melhor maneira para compreender as mudanças em relação ao modo de ver a cidade. O fragmento a seguir é um exemplo daquilo que o autor desejava mostrar por meio da crítica social:

A mendicidade é a exploração mais regular, mais tranquila desta cidade. Pedir, exclusivamente pedir, sem ambição aparente e sem vergonha, assim à beira da estrada da vida, parece o mais rendoso ofício de quantos tenham aparecido; e a própria miséria, no que ela tem de doloroso e de pungente, sofre *com* essa exploração.

Há mendigas burguesas, mendigas mães de família, alugadas, dirigidas por caftens, cegas que veem admiravelmente bem, chaguentas lépidas, *cartomantes* ambulantes, vagabundas, e uma série de mulheres perdidas cuja estrela escureceu na mais aflitiva desgraça. (...) (RIO, 2008, p. 181)

Seu objetivo era “mostrar os conflitos e reclamar da pouca atenção dada às nações subterrâneas, as classes perigosas” (2000, p. 40-41), comendo com os olhos tudo o que estava ao seu redor e decidindo a alma das ruas como pode ser percebido no trecho de “As mulheres mendigas” de *A alma encantadora das ruas*:

Há a Antônia Maria, a Zulmira, a viúva Justina, a d. Ambrosina, a excelente e anafada tia Josefa; umas magras, amparadas aos bordões, chorando humildades; outras gordas, movendo a mole do corpo com tremidinhos de creme. Às portas das igrejas param, indagam quem entra, a ver se a missa é de gente rica; postam-se nas escadarias, agachadas, salmudiando funerariamente, olhando com rancor os mendigos – negros

roídos de alcoolismo, velhos a tremer de sífilis. A lista dessas senhoras é interminável, e há entre elas, negócios à parte, uma interessante sociabilidade. Cada uma tem o seu bairro a explorar, a sua igreja, o seu ponto livre de incômodos imprevistos. Quando aparece alguma neófito, olham-na furiosas e martirizam-na como nas escolas aos estudantes calouros. (...). (RIO, 2008, p. 182)

Assim como João do Rio transformava, em assunto para suas crônicas, “as coisas que estão no escuro, no campo sombrio da noite e nos espaços socialmente proibidos, as coisas pequenas, óbvias e comuns” (RODRIGUES, 2000, p. 23) que permeavam o Rio de Janeiro. Charles Baudelaire andava pelas ruas da cidade de Paris, registrando em suas poesias “tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que destruiu” (BENJAMIN, 1989, p. 78) durante o dia. Na verdade, para Baudelaire a construção da poesia poderia seguir as regras da antiguidade, mas a substância e a inspiração deveriam ser assuntos captados pelos olhos do poeta na modernidade, pois este deveria buscar o belo através do efêmero, ou seja, a beleza transitória fornecida pela época, pela moda, pela moral ou mesmo pelas paixões.

Apesar dos versos de Baudelaire demonstrar um trabalho voltado para a ‘arte pela arte’, apresentam uma visão crítica da sociedade moderna, onde as experiências vividas pelo autor de *As Flores do Mal* imprimem na memória dos leitores sua impressão sobre a realidade que o cercava. Em Charles Baudelaire não havia um olhar particularmente complacente das figuras que transitavam pelas avenidas ou ruas de Paris, pois o mesmo ressaltava os vários aspectos que permeiam a vida de indivíduos rejeitados pela sociedade moderna, como é possível perceber no seguinte trecho extraído de “Os setes velhos em Quadros Parisienses” de *As Flores do Mal*:

(...)
 Súbito, um velho, cujos trapos pareciam
 Reproduzir a cor do tempestuoso céu
 E a cujo pobre aspecto esmolos choveriam,
 Não fosse o mal que lhe brilhava no olho incrêdo,
 (...)

Outro o seguia: barba, dorso, olhos, molambos
 – Enfim, tudo era igual, do mesmo inferno oriundo,
 Neste gêmeo senil, e caminhavam ambos
 Com mesmo passo não se sabe a que outro mundo.

A vítima eu seria de um conluio astuto?
 Ou que perverso acaso ali me atormentava?
 Sete vezes contei, minuto após minuto,
 Este sinistro ancião que se multiplicava!

(...).

(BAUDELAIRE, 2006, p. 307-309)

Embora a multidão fosse o seu universo, “como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes.” (BAUDELAIRE, 1996, p. 22). Charles Baudelaire via pelo olhar atento e perspicaz do *flâneur* o que a multidão poderia produzir, pois sua “paixão e profissão é desposar a multidão” (1996, p. 22). Ainda, segundo Baudelaire,

Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda a parte o fato de estar incógnito. (1996, p. 22).

Tanto para João do Rio quanto para Baudelaire a massa não é algo que se deseja descrever, pois o grande espetáculo da vida mundana é o submundo da cidade representado pela escória, pelos solitários, pelos criminosos, pelas prostitutas e por outros indivíduos. Na verdade, trata-se mais de imprimir a imagem daquilo que está na multidão na memória do que enaltecê-la.

No que se refere aos registros de memória dos indivíduos modernos a vida não do ‘grande’ homem, ou seja, aquele homem público que deixa autorizada suas memórias pelos feitos realizados, mas “do homem ‘anônimo’, do indivíduo ‘comum’ cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos” (GOMES, 2004, p. 13) passa a interessar os escritores já citados. Baudelaire afirmava que muitos poetas tratavam de assuntos com temas estereotipados, oficiais, pois estes se preocupavam com as grandes vitórias da sociedade e o heroísmo político.

A ideia de indivíduo vincula-se ao processo de mudança das sociedades ocidentais ditas tradicionais em oposição às consideradas modernas. Isto é, uma transformação pela qual a tradição deixa de se sobrepôr ao indivíduo que conseqüentemente se torna ‘moderno’ devido à identidade singular construída para si e para o outro na socie-

dade, firmando-se como valor distinto e pertencente a esta mesma coletividade. Neste sentido, as sociedades modernas são individualistas porque reconhecem todos os indivíduos como livres e iguais, “postulando sua autonomia e abrindo campo para um novo tipo de interesse sobre esse ‘eu moderno’.” (GOMES, 2004, p. 12).

Assim,

Passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual ‘comum’, e não apenas de grupo social/nacional ou de ‘grande’ homem (político, militar, religioso). Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias através do tempo, sem que tal dinâmica torne falso (...) o desejo de uma ‘unidade do eu’, de sua identidade. (2004, p. 12-13)

Os tempos modernos servem para consagrar o lugar do indivíduo na sociedade como uma unidade coerente que demanda uma identidade para si ou como uma multiplicidade que se fragmenta socialmente, “exprimindo identidades parciais e nem sempre harmônicas.” (2004, p. 12), pois os registros de memória desses indivíduos são, na verdade, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas.

Na obra *As Flores do Mal* de Charles Baudelaire há as poesias referentes aos *Quadros Parisienses*, onde o autor destaca os indivíduos comuns desprezados pela sociedade, pois a perspectiva baudelariana a respeito dos marginalizados é perversa, não acrescentado dignidade alguma a não ser estética como pode ser visto em *Os cegos*, por exemplo:

Contemplai-os, ó minha alma; eles são pavorosos!
Iguais aos manequins, grotescos, singulares,
Sonâmbulos talvez, terríveis se os olhares
Lançando não sei onde os globos tenebrosos?

(...)

Nos braços de um prazer que tangencia o espasmo,
Olha! também me arrasto! e, mais do que eles pasmo,
Digo: que buscam estes cegos ver no Céu?

(BAUDELAIRE, 2006, p. 319)

Tanto no livro de crônicas intitulado *A Alma encantadora das ruas* do autor João do Rio quanto no livro de poesias, *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire há a presença do cronista ou do poeta enquanto *flâneur*, tendo a observação e a curiosidade como métodos de trabalho que favorecem as várias impressões na memória quer individual quer coletiva. Ambos mantinham-se atentos ao que viam, seus olhares dirigiam-se para tudo aquilo que fosse circunstancial ou banal, pois de acordo com o próprio João do Rio em seu já citado livro:

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, (...). (RIO, 2008, p. 30)

A memória é a vida

...sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 09)

sendo uma ligação entre o passado e o eterno presente.

Além disso, a memória pode se apresentar em três níveis: “*a protomemória*, fruto, em boa parte, do *habitus* e da socialização e fonte dos automatismos do agir; *a memória propriamente dita*, que enfatiza a *recordação* e o *reconhecimento*; e a *metamemória*, conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu.” (CATROGA, 2001, p. 15)

No seguinte fragmento retirado de *As mulheres mendigas* de *A alma encantadora das ruas* João do Rio ilustra as representações que o indivíduo faz por meio de suas próprias experiências como *flâneur*:

Depois, postam-se à porta até que a última missa tenha dado a receita suficiente às várias dependências do templo, vão almoçar e começam a peregrinação pelos bondes, de porta em porta, até à hora de jantar. (...).

A maior parte dessas senhoras não tem moléstia alguma; sustenta a casa arrumadinha, canja aos domingos, fatiotas novas para os grandes dias. São, ou dizem-se, quase sempre viúvas. (RIO, 2008, p. 183)

Já em *As Flores do Mal*, a recordação e o reconhecimento de uma antiga Paris são ressaltadas através da poesia intitulada *O cisne em Quadros Parisienses*. Nela, o autor demonstra o saudosismo da Paris de outrora:

Andrômaca, só penso em ti! O fio d'água,
Soturno pobre espelho onde esplendeu outrora,
De tua solidão de viúva a imensa mágoa,
Este mendaz Simoente em que teu pranto aflora,

Fecundou-me de súbito a fértil memória,
Quando eu cruzava a passo o novo Carrossel.
Foi-se a velha Paris (de uma cidade a cidade
Depressa muda mais que um coração infiel);

(...).

(BAUDELAIRE, 2006, p. 301)

A estrutura da memória é decisiva para a experiência. Na verdade, a experiência não consiste “precisamente com acontecimentos fixados com exatidão na lembrança, e sim, em dados acumulados, frequentemente de forma inconsciente, que afluem à memória” (BENJAMIN, 2000, p. 34). Tal experiência pode ser exemplificada ainda por outro trecho de *O cisne em Quadros Parisienses*, onde as relações e, conseqüentemente, as reflexões de Baudelaire expõem a modernidade em sua interpenetração com a antiguidade:

(...)

Só na lembrança vejo esses campos de tendas,
Capitéis e cornijas de esboço indeciso,
A relava, os pedregulhos com musgo nas fendas,
E a miuçalha a brilhar nos ladrilhos do piso.

Ali havia outrora os bichos de uma feira;
Ali eu vi, certa manhã, quando ao céu frio
E límpido o Trabalho acorda quando a poeira
Levanta no ar silente um furacão sombrio,

Um cisne que escapara enfim ao cativoiro
E, nas ásperas lajes os seus pés ferindo,
As alvas plumas arrastava ao sol grosseiro.
Junto a um regato seco, a ave, bico abrindo,

(...)

Paris muda! Mas nada em minha nostalgia
Mudou! Novos palácios, andaimas, lajedos,
Velhos subúrbios, tudo em mim é alegoria,
E essas lembranças pesam mais do que rochedos.

(...).

(BAUDELAIRE, 2006, p. 311-313)

É a experiência hostil, ofuscante, da época da grande indústria. O olho que se fecha ante essa experiência, enfrenta uma experiência de tipo complementar, como se fosse, por assim dizer, sua imitação, espontânea” (BENJAMIN, 2000, p. 34). Portanto, numa tentativa de especificar e fixar essa imitação, a filosofia defendida pela teoria bergsoniana reconduz indiretamente à experiência que se oferece a teoria baudelariana.

No entanto, ainda segundo Walter Benjamin, a terminologia *métmoire purê* de Bergson converte-se em Marcel Proust em *mémoire involontaire*. Desde o começo Proust confronta a memória involuntária com a voluntária, Esta última, seria a lembrança voluntária da qual se pode dizer que as informações que nos proporciona sobre o passado, não conservam nada dele. “O mesmo vale para nosso passado. Em vão tentamos rememorá-lo; todos os esforços de nosso intelecto são inúteis” (2000, p. 35). Por isso, Proust conclui que o passado se acha “fora de seu poder e de seu alcance, em qualquer objeto material (ou na sensação que nos provoca tal objeto), que ignoramos qual seja. Que encontremos este objeto antes de morrer ou que não o encontremos jamais, depende unicamente do acaso.” (2000, p. 36)

Já a memória involuntária seria a conservação das impressões da situação em que foi criada. Ela corresponderia “ao repertório íntimo da pessoa, isolada em todos os sentidos. Onde há experiência, no sentido próprio do termo, certos conteúdos do passado individual entram em conjunção na memória com elementos do passado coletivo” (2000, p. 37). Só pode ser considerado parte integrante da *mémoire involontaire* “aquilo que não tenha sido vivido expressa e conscientemente, em suma, aquilo que não tenha sido uma *experiência vivida*” (BENJAMIN, 2000, p. 38). Entende-se por *experiência vivida* os momentos de maior choque nas impressões isoladas; “quanto mais a consciência deve estar continuamente alerta no interesse dos estímulos; quanto maior é o êxito com que ela opera; quanto menos os estímulos penetram na experiência, tanto mais correspondem ao conceito de *experiência vivida*.” (2000, p. 40)

A narração não se propõe a comunicar o puro “em-si” do acontecido, mas o incorpora na vida do relator, para proporcioná-lo, como experiência, aos que escutam. Com isto, no narrado fica a marca do narrador como demonstrado no seguinte trecho da crônica *Os*

que começam... escrita por João do Rio em *A alma encantadora das ruas*.

Nesta crônica, há uma crítica dolorosa do já citado autor enquanto *flâneur* a respeito das situações degradantes que envolvem os indivíduos marginalizados da sociedade moderna, ou seja, das ruas cariocas:

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e pirralhos de três, garotos amarelos de um lustro de idade e moçoilas púberes sujeitas a todas as passividades. (...) (RIO, 2008, p. 189)

e também, em um fragmento extraído do poema “As velhinhas” em *Quadros Parisienses*, de *As Flores do Mal*, onde Charles Baudelaire transforma mulheres idosas em objetos estéticos sem nenhuma compaixão:

No enrugado perfil das velhas capitais,
Onde até mesmo o horror se enfeita de esplendores,
Eu espreito, obediente a meus fluidos fatais,
Seres decrepitos, sutis e encantadores.

Estes monstros já foram mulheres um dia,
Eponima ou Laís! Recurvos ou corcundas,
Amêmo-los assim – almas em agonia!
Sob os frios andrajos e as saias imundas,

(...) (BAUDELAIRE, 2006, p. 301)

Assim, a função da memória, como já mencionado, estaria relacionada a proteger as impressões, pois a lembrança, considerada destrutiva, tende a fragmentá-las. A memória é essencialmente conservadora, pois sua essência traduz-se na necessidade de se “continuar a narrar” (CATROGA, 2001, p. 26) o acontecido por meio de discursos transgeracionais para se manter viva a presença do já passou.

Em suma, tanto em João do Rio quanto em Charles Baudelaire o fascínio pela observação ocasionado pelas “aparições casuais nas ruas” (COLI, 2005, p. 295) proporciona uma reflexão da constituição da memória através do olhar do *flâneur*.

Por meio de olhos perspicazes tais escritores, na figura do *flâneur*, eram capazes de contemplar os mistérios sobre a vida dos indivíduos comuns envolvidos em situações do dia-a-dia e não a do ‘grande’ homem, ou seja, aquele homem público que autorizava a divulgação de suas memórias pelos feitos alcançados. João do Rio e Baudelaire revelavam o que a sociedade moderna rejeitava: a escória, as coisas que estavam no “mundo das sombras”. (RODRIGUES, 2000, p. 23)

Assim como João do Rio transformava as pequenas coisas em tema para suas crônicas, Charles Baudelaire recolhia tudo o que a cidade de Paris desprezava para apresentar como assunto em suas poesias. Para ambos, a multidão não era objeto de descrição, pois o indivíduo comum era o grande espetáculo da vida moderna.

A ideia de indivíduo comum enquanto possuidor de uma identidade singular estaria vinculado, segundo a professora Ângela de Castro Gomes, ao processo de mudança das sociedades ocidentais ditadas tradicionais em oposição às consideradas modernas, tornando possíveis os procedimentos para a construção e guarda de uma memória individual comum, pois todo indivíduo é um ser social.

Tanto no livro de crônicas intitulado *A alma encantadora das ruas* de João do Rio quanto no livro de poesias, *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, os autores apresentam a observação e a curiosidade como métodos de trabalho. Seus olhares mostravam-se atentos em relação a tudo aquilo que fosse circunstancial ou banal, favorecendo as várias impressões na memória de cada pessoa.

A memória é a vida carregada por grupos vivos, sempre aberta à dialética da lembrança e do esquecimento e inconsciente de suas deformações sucessivas, sendo vulnerável a todos os tipos de manipulações segundo Pierre Nora. A memória, dividida em três níveis: *protomemória*, *memória propriamente dita*, e *metamemória*, em sua estrutura é decisiva para a experiência, ou seja, para os dados acumulados, muitas vezes, de forma inconsciente.

Além disso, a memória pode ser involuntária ou voluntária. A primeira seria a conservação das impressões da situação em que foi criada, só podendo ser considerado parte integrante de tal memória tudo aquilo que não tenha sido vivido expressa e conscientemente. Já

a segunda, seria a lembrança voluntária, onde as informações que tal memória proporciona sobre o passado, não conservam nada dele.

Portanto, o fascínio pela observação enquanto forma de vida presente tanto em João do Rio como em Charles Baudelaire poderia ser visto como instrumento capaz de extrair impressões do passado, pois, em sua essência, a memória seria a necessidade de narrar o acontecido, sendo um fenômeno sempre atual: uma ligação entre o passado e o eterno presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Edição bilíngue. Charles Baudelaire; tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

_____. *Sobre a modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hermes Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *A modernidade e os modernos*. Trad. Heindrun Krieger Mendes da Silva, Arlete de Brito e Tânia Jatobá. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. 1ª ed. Coimbra: Quarteto, outubro de 2001.

COLI, Jorge. *Consciência e heroísmo no mundo moderno*. In: NOVAES, Adauto (org.) *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história, cativa da memória? *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 34, p. 9-24, 1992.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Projeto HISTÓRIA. *Revista do Programa de Estudos Pós-*

Graduados em História e do Departamento de História. PUC, São Paulo, nº. 10, 1993.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas.* Organização Raúl Antelo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *João do Rio: a cidade e o poeta – olhar do flâneur na belle époque tropical.* Rio de Janeiro: FGV, 2000.